

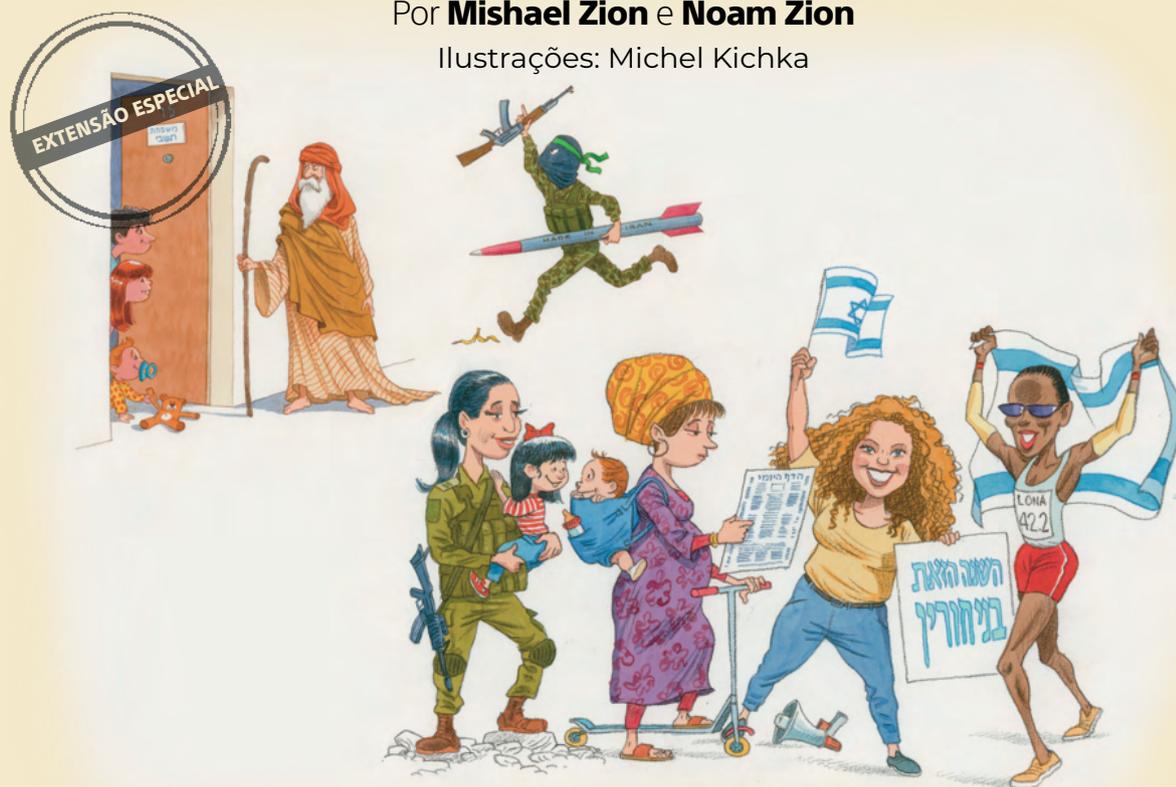
הַלַּיְלָה הַזֶּה

HALAILA HAZÉ

UMA HAGADÁ DE PESSACH PARA O NOSSO TEMPO

Por **Mishael Zion** e **Noam Zion**

Ilustrações: Michel Kichka




Comunidade Shalom
Sinagoga Masorti de São Paulo

Novos Textos | Discussões e Reflexões | Canções | Histórias e Atividades

Índice

Introdução	2
Como celebraremos Pessach neste ano?	5
יַחַץ - lahatz - Quebrando a Matzá (Complementa a página 20)	8
הָא לַחְמָא עֲנִיא - Há Lachma Ania - A História da Matzá (Complementa a página 26)	9
מָה נִשְׁתַּנָּה - Ma Nishtaná (Complementa a página 30)	10
As Hagadót históricas do Otef	12
אַרְבַּעַת בָּנִים וּבָנוֹת - Arbaá Banim Uvanot - Os quatro filhos e filhas contemporâneos (Complementa a página 44)	15
וְהִיא שְׁעָמְדָה - Vehí Sheamdá – (Complementa a página 66)	20
עֶשֶׂר הַמַּכּוֹת - Esser Hamakot - (Complementa a página 74)	21
בְּכָל דּוֹר וָדוֹר - Bechol Dor Vador (Complementa a página 84)	22
שִׁפּוֹךְ חַמָּתְךָ - Shfoch Chamatcha - (Complementa a página 108)	26
הַלֵּל - Halel – (Complementa a página 112)	28
לְשׁוֹנָה הַבְּאֵה בִּירוּשָׁלַיִם - Leshaná Habaá Birushalaim - (Complementa a página 128)	29

Introdução

Este Seder de Pessach vai ser diferente de todos os outros sederim, e a pergunta “MaNistaná HaLaila Haze – o que mudou?” tem uma data que ainda impacta nossas vidas, 7 de Outubro.

Como celebrar Pessach quando a guerra ainda continua, temos homens e mulheres sequestrados em Gaza, famílias deslocadas e refugiadas em seu próprio país, no norte e no sul de Israel, sem contar as famílias enlutadas e as famílias de feridos.

Este Pessach vai ser mesmo diferente...

Em 2017 a Comunidade Shalom publicou uma Hagadá especial, criada por Mishael e Noam Zion, para nos ajudar a ter uma celebração multigeracional, com novos textos, desenhos e, ao mesmo tempo, manter o texto original da Hagadá.

Neste ano, os Zion decidiram criar um suplemento especial para nos ajudar a transitar pelos rituais de Pessach, pensando, lendo e sentindo com textos que nos conectam com Israel e com o fatídico 7 de Outubro.

Estou no Seder, mas meu coração está ainda no 7 de Outubro. Séculos atrás, o poeta judeu espanhol Yehuda Halevi expressou seu sentimento de distância e conexão com a terra de seus antepassados: Libi BaMizrach, Vaanochí VeSof Maarav - ליבי במזרח ואנוכי בסוף מערב - “Meu coração está no Oriente e eu estou no Ocidente mais distante.”

Muitos de nós sentimos o mesmo hoje, em termos de espaço e tempo. Meses se passaram, mas para muitos os eventos traumáticos de 7 de Outubro parecem sempre presentes - e em Israel essa percepção é ainda muito mais aguda.

Muitos de nós na Diáspora sentimos a conexão emocional com Israel, bem como a distância física, tanto quanto sempre. Estamos aqui, mas nossos corações estão lá. E estamos no seder, mas nossos corações estão ainda em שבעה באוקטובר shiva be October - o que pode significar tanto “o 7 de Outubro” quanto “a shivá” que é o primeiro período de luto, no qual ainda não saímos do 7 de Outubro.

Na edição publicada há 7 anos, quando queríamos explicar BECHOL DOR VADOR: “Em cada geração eles se erguem contra nós para nos aniquilar”, a citação que fala que a cada geração nossos inimigos querem nos aniquilar, incluímos alguns dos ataques terroristas ocorridos na América Latina e Europa, e, infelizmente, muitos mais que aconteceram nos Estados Unidos, na Europa e em outros locais. O ataque do Hamas de 7 de Outubro, precisava ser incluído no suplemento de nossa Hagadá.

Assim, Michel Kichka, o ilustrador da nossa Hagada Halaila Haze, retratou as tentativas perenes de destruir nosso povo como uma ofensiva de uma multidão ao longo das épocas. Ele já tinha desenhado os personagens do Faraó, cristãos das Cruzadas e inquisidores, czaristas que realizavam pogroms e mais, liderados por um oficial nazista, de forma irônica, apesar das memórias doloridas de suas ações.

A abordagem humorística de Kichka continua a tradição do humor judaico ao longo de centenas de anos de sofrimento. Depois dos ataques de 7 de Outubro, ele acrescentou uma imagem nova e terrivelmente familiar: o terrorista nacionalista islâmico radical do Hamas. Kichka foi cuidadoso ao distinguir a busca legítima palestina por autodeterminação, retratando um míssil produzido no Irã na mão deste lutador paramilitar. Kichka, ele mesmo filho de um sobrevivente de Auschwitz, é há 30 anos um militante no movimento Shalom Achshav, Paz Agora, e luta por uma solução de dois estados, uma solução que o Hamas violentamente é contrário.

Espero que o suplemento nos ajude a sair da escuridão da guerra e da violência, para nos levar a um destino de paz e de segurança em Israel e em todo mundo.

Chag Pessach Kasher Vesameach

Rabino Adrián Gottfried, Abril de 2024

Um presente de solidariedade e de gratidão, Pessach 2024

Neste ano de dor e heroísmo extraordinários, ajuda mútua e esperança, criamos uma nova versão da nossa Hagadá israelense para ajudar todos na integração das desafiadoras experiências às histórias do Êxodo. Distribuímos cópias da nova Hagadá israelense para as famílias que foram mais impactadas pela guerra – famílias enlutadas que perderam entes queridos, ou famílias que foram evacuadas das fronteiras.

Recorremos a vocês para que nos uníssemos nesta empreitada e ficamos muito felizes pela resposta carinhosa e generosa de solidariedade mútua. Como forma de expressar nossa gratidão, e no espírito de solidariedade judaica internacional, traduzimos partes da Hagadá e, assim, judeus de todo o mundo podem estar “na mesma página” nesta noite histórica.

Esperamos que isso tudo possa contribuir para discussões interessantes no seu Seder. Que todos tenhamos um Pessach com esperança na paz, liberdade e segurança.

Mishael e Noam Zion

No meio deste projeto, aconteceu o ataque de 7 de Outubro de 2023. Neste momento (ao contrário do que aconteceu no Egito antigo), o Anjo da Morte não “ignorou” as casas de Israel. Novamente, lembramos do nosso pacto de solidariedade devido ao inimigo comum que pretende eliminar nossa existência e erradicar nossa identidade.

A fim de encontrar inspiração no meio de uma crise, revisitei questões colocados nas Hagadot escritas há mais de 70 anos, pelos mesmos kibutzim perto de Gaza que foram atacados em 7 de Outubro. Reconhecemos que em tempos de dificuldades, nosso pacto mútuo, desde o recebimento da Torá no Sinai, exige uma maior união judaica.

Penso que, ao fim, tudo gira em torno da mesa da família. Os pais querem dar aos filhos liberdade e esperança no futuro e também um senso de responsabilidade por seu destino

histórico comum. Os filhos querem a liberdade para começar seus próprios caminhos independentes e também querem formular para eles mesmos seus destinos. Conseguem fazer isso de forma confiante com uma base profunda de pertença e legado. A Hagadá nos lembra que a história da nossa família é sempre uma combinação de duas coisas: a memória do pão da aflição que nossos antepassados comeram no Egito e o mandamento de acreditar que no próximo ano seremos um povo livre.

Mishael Zion

Em 2023-2024, meu filho, o Rabino Mishael Zion decidiu atualizar sua Hagadá israelense Halaila Haze (que tem 20 anos) a fim de refletir os valores contemporâneos da sociedade israelense: a ampla luta para defender a democracia liberal israelense contra o autoritarismo, expandir o empoderamento feminino, e agora, a batalha de vida e morte contra a coalizão assassina entre Irã, Síria, Hezbollah, Hamas e Iêmen que negam o Holocausto, enquanto buscam o aniquilamento dos judeus e do estado judeu. Além da crise em Israel, este Pessach testemunha um ano traumático marcado por manifestações antissemitas sem precedentes ao redor do mundo – ataques físicos, verbais e políticos – que se originam de regimes autoritários, direitistas, intelectuais esquerdistas e militantes radicais islâmicos. Como resposta a tudo isto, nós judeus expressamos a nossa solidariedade e revivemos nosso destino. Este Seder é a ocasião crucial para revisitarmos as raízes de nossa identidade judaica no Êxodo do Egito, reafirmarmos nossas esperanças por segurança e paz e nossos ideais democráticos por justiça, igualdade e liberdades: nacional e humana.

Noam Zion

Somos dotados de duas faculdades: memória e esquecimento. Não podemos viver sem elas. Se só a memória existisse... seríamos esmagados por seu peso. Nos tornaríamos escravos de nossas memórias, nossos ancestrais. E se fôssemos governados inteiramente pelo esquecimento, onde haveria lugar para a cultura, ciência, autoconhecimento, vida do espírito? Se a memória humana não preservasse tesouros de valor, lembranças de eras de prosperidade e lutas por liberdade e heroísmo, nenhum momento revolucionário seria possível.

Uma geração inovadora e criativa não joga fora uma herança cultural de eras. Ela examina e analisa, aceita e rejeita. Em determinados momentos, mantém e acrescenta a uma tradição já existente. Em outros, vai para pilhas de destroços arruinados, abre o que foi esquecido, tira a ferrugem a fim de ressuscitar tradições antigas que tiveram o poder de alimentar o espírito da geração da renovação...

Berl Katznelson, pensador sionista do partido trabalhista, 1887-1944, Jornal Dvar, 14 Av 1934



Como celebraremos Pessach neste ano? Um guia para pais e famílias por Dasee Berkowitz

Todos os anos, o mais jovem do Seder pergunta: “Como esta noite é diferente de todas as noites?”. Esta noite de Seder, depois dos eventos de 7 de Outubro, a guerra Israel-Hamas, e um aumento escandaloso do antissemitismo no mundo todo, muitos de nós estamos pensando: “Como esta noite do Seder será diferente de todas as outras noites de Seder?”

Enquanto em outras noites de Seder recontamos a antiga história da liberação do nosso povo da escravidão no Egito, estamos muito conscientes que somos atores na história judaica conforme ela se desenvolve. Sentimos uma responsabilidade extra para tornar esta noite de Pessach significativa.

Enquanto em outras noites damos boas-vindas a diferentes gerações que participam do nosso Seder, *m’ kol dor vador* (de geração em geração), nesta noite de Seder, sabemos que fortes diferenças políticas podem estar colocadas em divisões geracionais. Nesta festa de redenção, podemos ficar temerosos em relação às diferenças nas perspectivas que parecem ser impossíveis de recuperar.

Enquanto em outras noites procuramos organizar uma experiência no Seder que seja relevante, envolvente e real, nesta noite de Seder podemos focar no que nos une, evitando conversas que nos separam.

Enquanto em outras noites a promessa da primavera e sua renovação nos anima, nesta noite de Seder chegamos à mesa com diferentes sentimentos. Alguns de nós deixamos uma cadeira vazia para lembrar aqueles que ainda são reféns do Hamas. Outros sentem a dolorosa ausência dos soldados mortos em combate. Muitos de nós sofremos por aqueles que foram mortos e sofrendo por causa do conflito. Saudades e dor nos acompanham nesta noite do Seder.

Para todos que estão sendo os anfitriões do Seder, vocês estão numa posição singular. Você tem a oportunidade de convidar as pessoas para que elas se tornem participantes ativos de um ritual antigo com potencial para discussões saudáveis e curativas, além de esperança. A mesa do Seder é o palco no qual o antigo rito de recontar as histórias acontece. Amigos, família e convidados são os atores. A Hagadá é nosso script. Enquanto você prepara o palco para o Seder, eu convido você para pensar em quatro abordagens conceituais que podem guiar a sua preparação.

Abordagem 1

Defina as intenções: permita a liberdade dentro de limites

Como o organizador, você que dá o tom para a noite. Isto acontece desde o convite. Ao falar de suas intenções para a noite, você deixa sua família e seus convidados à vontade. A jornada para a liberdade convida para uma participação completa quando há uma estrutura. Assim como crianças



podem se expressar livremente quando os limites são claros, seus convidados também se sentirão confortáveis para compartilhar o que quiserem quando os limites estão estabelecidos e as intenções articuladas.

No final do Seder, compartilhem algumas poucas intenções (*kavanot*) para estimular a participação, questões e respeito mútuo. Para obter o máximo de participação, você pode estabelecer duas intenções e pedir para as outras pessoas uma terceira. Escolha a partir desta lista abaixo, ou escolha uma que seja mais compatível de acordo com o que você sente:

- Fale em primeira pessoa sobre suas experiências e opiniões;
- Compartilhe a partir de um lugar de autenticidade – o que te causa dor e o que te traz felicidade;
- Aceite suas esquisitices e saiba que suas contribuições serão recebidas com carinho;
- Dê a todos na mesa o benefício da dúvida;
- Aborde cada um com curiosidade.

Abordagem 2

Histórias de resistência: dê espaço para os mais velhos e suas histórias

Em todas as outras noites nós criamos experiências no Seder para engajar as crianças. Nesta noite de Seder nosso caminho para a liberdade é pavimentado por um espírito resiliente. Lições de resiliência são imediatamente aprendidas dos nossos mais velhos. Precisamos de suas vozes e de suas histórias de como eles saíram e saíram e saíram do Egito. Extraia destas lições o que eles aprenderam destas adversidades permanentes. Peça para as crianças serem a ponte entre os mais velhos e faça as seguintes questões ou crie as suas:

- Compartilhe um desafio político ou histórico que você ou sua família tiveram;
- Como você superou ou lidou com estes desafios?
- Qual a lição que você aprendeu sobre resiliência que você desejasse ter sabido quando era mais jovem?

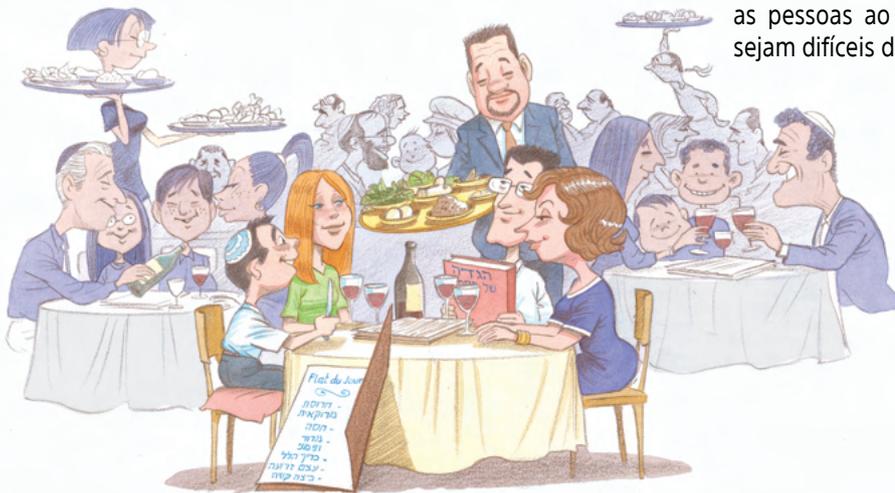
Abordagem 3

Questionamentos de redenção: fazendo perguntas melhores

O Pessach é o festival das perguntas. Escravos e aqueles que estão na servidão não podem fazer perguntas. As perguntas são o meio pelo qual sabemos que somos um povo livre. A liberdade carrega consigo uma grande responsabilidade. Muitos de nós não somos cuidadosos quando falamos e o que perguntamos. Fazemos perguntas agressivas, que podem colocar os outros em uma posição defensiva (ex: o que você estava pensando?). A jornalista e personalidade de rádio Krista Tippett certa vez escreveu:

“Questões suscitam respostas similares... é difícil transcender uma questão agressiva. Mas é difícil resistir a uma pergunta generosa. Todos podem formular perguntas que convidem à honestidade, dignidade e revelação. Há algo de redentor e revigorante em fazermos uma pergunta melhor” (Krista Tippett, *Becoming Wise: an inquiry into the mystery and art of living*, p. 30)

Aprender a fazer perguntas generosas é uma habilidade que podemos pedir aos participantes do Seder. Encorajar as pessoas a fazerem perguntas abertas como: “Quem você admira? O que o inspira nestas pessoas? O que o fez pensar deste jeito? Ou “Qual o jeito diferente de entender isso?” Aprender a fazer perguntas melhores pode ajudar a conectar as pessoas ao redor da mesa, especialmente aquelas que sejam difíceis de alcançar.



Abordagem 4

Celebre a vida: promova a gratidão

Uma das características de pessoas resilientes e do povo judeu como o Povo Resiliente, é o hábito da gratidão. A gratidão tem espaço para a perda, mesmo quando celebramos a vida. A estrutura da Hagadá com o espaço de uma seleção curta do Hallel (ou salmos de gratidão) no Magid (a principal parte da Hagadá) reflete a sensibilidade de palavras de louvor e gratidão – e que elas são sempre possíveis, mesmo antes de chegarmos ao final redentor. Parafraseando uma pesquisadora de resiliência, Dra. Lucy Hone, “não perca o que você tem para aquilo que já foi perdido” (Dr. Lucy Hone, The three secrets of resilient people, TEDxChristchurch, agosto de 2019).

Reserve um momento no começo do Seder para que seus convidados olhem ao redor da sala e agradeçam a todos que estão lá. No final do Seder, peça a todos os presentes que compartilhem uma palavra de gratidão pessoal que eles têm para esta noite. A gratidão para aquilo que está presente em nossas vidas é muito importante nos momentos nos quais sabemos que há tanta coisa que ainda não foi redimida.

As relações familiares e as amizades são longas jornadas de descobrimento e podem ser desconfortáveis.

Ao longo do Seder, peça a seus convidados que perguntem

sobre textos deste suplemento e que tragam suas próprias perspectivas. Se surgirem debates, acolha-os. Como anfitrião, se você achar que algumas pessoas estão dominando a conversa, convide as outras para que debatam também, dizendo: “estou me perguntando se há outras perspectivas...” Lembre-se que seu papel na noite do Seder não é atingir a paz mundial. É sim criar um ambiente no qual todos tenham uma experiência que depois se tornará uma memória. Garanta que todos ao redor da mesa sintam-se valorizados e pertencentes a uma comunidade.

Nossas famílias, amigos e comunidades são os contextos nos quais desenvolvemos nossas ideias e ideais. Cada pessoa ao redor da mesa está destinada a estar ali. Precisamos de todos – jovens, velhos, teimosos e tranquilos. Em um mundo com tanta discórdia e divisão, você é uma pessoa que reúne e acolhe. Inclusão, paciência e amor vão preparar o caminho para o futuro.

Dasee Berkowitz é facilitadora executiva, educadora e coach. Ela também é a autora de *Becoming a soulful parent: a path to wisdom within*.



lachatz יחץ

Quebrando a matzá do meio e abraçando as fraturas do nosso mundo. Convidando as pessoas ausentes que ainda sentimos falta para o nosso Seder

O Seder nos dá a chance de contar histórias não somente dos nossos antepassados, mas também daqueles que não tiveram voz, daqueles que sentimos falta por não estarem na mesa, mas estão no nosso coração. Alguns pais e avós amados que tiveram papel central na mesa do nosso Seder, alguns que foram eliminados da nossa extensa família judaica e alguns parentes que não puderam estar presentes e, diante disso, é dolorido ignorar tais faltas comoventes sem lembrá-las. O ritual pode nos ajudar a curar a dor causada por estas doloridas faltas, fazendo com que estas pessoas pareçam estar presentes

A tradição de ter um copo “para os que não estão aqui” começou nos kibutzim durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Quarto Copo foi dedicado a muitos membros do kibutz que tinham se voluntariado para servir no Exército Britânico, lutando contra os nazistas. Nas décadas de 1970 e 1980, muitos deixavam uma cadeira vazia na mesa ou adicionavam uma quarta matzá para os judeus soviéticos ou sírios que não eram livres para celebrar o Pessach ou fazer Aliá. Desde então, estes judeus perseguidos ganharam a liberdade e se uniram a nós ao redor da mesa. Hoje, um lugar vazio pode ser deixado para aqueles massacrados e sequestrados na guerra com o Hamas e aqueles soldados israelenses que morreram defendendo suas casas e suas famílias.

Há algum nome que você gostaria de colocar na lista daqueles que sentimos falta neste Seder?

Você gostaria de contar a história dele(a) (Magid) e o que isto nos ensina?



Ha Lachma Ania

הַאֲלַחְמָא עֲנִיָּא

NESTE ANO SOMOS ESCRAVOS, NO PRÓXIMO ANO: PESSOAS LIVRES!

“Ser um povo livre na nossa Terra”²
por Yishai Sarid

Um judeu ou uma judia vai encontrar em sua vida dois textos em aramaico: o Kadish dos enlutados e a declaração festiva na abertura da Hagadá Ha Lachma Ania, “Este é o pão da aflição!” O Seder começa com uma memória do passado: o pão dos pobres, a matzá que lembra a escravidão e a humilhação, o ódio aos judeus e a crueldade da tirania do faraó. Nós somos obrigados a lembrar!

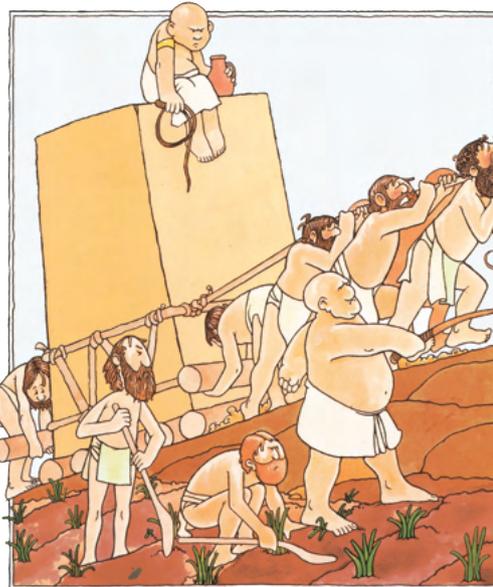
Imediatamente depois vem a mitzvá social: “Deixe todos os que passam fome vir e comer; todos os necessitados, que participem da refeição de Pessach”. Os traumas que vivemos não nos libertam da nossa responsabilidade moral hoje. Somos obrigados a estendermos a mão àqueles que precisam da nossa ajuda.

Depois, Ha Lachma Ania continua com a esperança na redenção...é o sonho que trouxe meus avós a Israel, vindos de Bagdá, Casablanca, Sanaa no Iêmen, Varsóvia e Berlim. Eles reconstruíram Israel com grande devoção e realizaram sonhos de muitas gerações com suas próprias mãos.

Finalmente, concluímos com o sonho de liberdade: “Neste ano escravos – no próximo ano, liberdade!”. Finalmente retornamos à nossa terra para sermos livres, como povo e como seres humanos. Na Declaração de Independência de Israel nos comprometemos com uma Israel que seria um estado de mulheres e homens livres, sem discriminação baseada em religião, raça ou gênero. Não seremos contaminados por um racismo corrupto que nos perseguiu

nas terras do nosso exílio. Este é o espírito magnânimo do qual a democracia israelense nasceu. Este é o sonho que realizamos em virtude de sacrifícios muito preciosos para serem carregados. Agora defendemos a terra, de forma poderosa, em nome de nossos pais e para o bem de nossas crianças e nosso povo.

Yishai Sarid, escritor, publicou sua reflexão sobre o Seder de Pessach na Hagadá do Protesto, 2023. Seu pai, Yossi Sarid, foi um parlamentar socialista israelense.



² “Ser um povo livre na nossa Terra” vem do HaTikvá, hino nacional israelense, e esta frase foi frequentemente citada por manifestantes diante da proposta de reforma radical da Direita do sistema judiciário, em 2023.

QUEBRANDO O GELO NO SEDER: COMO ESTE ANO É DIFERENTE?

Quando extensas famílias e amigos distantes se unem no Seder anual, é frequente que perguntem uns aos outros as novidades. Para aprofundar esta troca, algumas famílias perguntam, à mesa, para cada um (ou para todos que estão sentados ao lado) de forma resumida, de quais maneiras importantes seu mundo ou eles mesmos mudaram desde o último Seder. Por um lado, há conquistas pessoais e às vezes perdas a serem marcadas juntamente com descrições de como tentamos crescer e lidar com tudo. Por outro lado, especialmente em 2023, a visão de mundo coletiva de muitos judeus – as experiências de vulnerabilidade física e social, autoritarismo antidemocrático, antissemitismo, antissionismo e islamismo radical crescentes – levantaram questões desafiadores e causaram confusão. Quais são as perguntas novas e urgentes que perguntamos a nós mesmos neste ano sobre a nossa identidade judaica?



Ma Nishtana מה נשתנה

Versões “Contemporâneas” do Ma Nishtana (1930s-1950s)

Historicamente, as questões originais do Seder eram para ser questionamentos espontâneos e genuínos, mas, ao longo do tempo, as pessoas assumiram o confortável hábito de memorizar e perguntar as questões rituais mais simples para a criança mais nova e menos avançada. Até estas questões mecânicas variaram em diferentes países e em diferentes momentos. Contudo, com a Revolução Sionista, e especialmente com uma tentativa inovadora de criar novas comunidades coletivas judaicas chamadas kibutzim, o Seder tradicional se abriu para questões contemporâneas, questionamentos inquietantes sobre o porquê o mundo ser deste jeito, apontando para o que poderia ser.

Antes e depois do estabelecimento do Estado de Israel em 1948, os kibutzim seculares fizeram novas hagadot refletindo os dramáticos eventos da história judaica, como o Holocausto e o retorno à soberania judaica pela primeira vez em 2.000 anos. Ao lembrar o genocídio de meninos judeus no Egito e a luta pela liberdade da perseguição e da escravidão, eles não conseguiam evitar a relação com esperanças e medos contemporâneos na antiga festa da liberdade. Apesar de membros seculares socialistas do kibutz estarem longe de observar a religião tradicional, eles sentiam uma relevância profunda da história de Pessach em relação às suas próprias vidas em Israel.

O costume de compor questões contemporâneas no Seder, dentro do kibutz, era muito original: perguntar aos mais velhos e pedir para os fundadores do kibutz formularem questões. Hoje, depois do 7 de Outubro de 2023, estas questões espontâneas de 70 a 90 anos atrás ressoam com uma nova urgência e aspereza, ainda que seja difícil achar respostas satisfatórias.

Por exemplo, depois da subida de Hitler ao poder e durante a Segunda Guerra Mundial e depois da revolta árabe na

Palestina e a Guerra da Independência (1936-1943), as hagadot do kibutz registraram as seguintes questões não respondidas:

Por que eles odeiam os judeus no mundo inteiro?

Por que há tanto sangue derramado no mundo?

Quão diferente é esta noite escura e sombria de todas as outras noites! O quão estranho e bizarro é o mundo, neste ano, nesta geração! O que está acontecendo conosco, pois os homens estão se tomando animais maus e predatórios? O que está acontecendo com as pessoas cujas consciências íntimas estão silenciadas? Como nós, nossos irmãos, fomos tão transformados (aos olhos de nossos inimigos) em outros seres humanos, em outras criaturas de Deus, em outros mortais que nasceram de mães humanas?

Por que pegamos em armas? Por que em quase todas as épocas nós não tivemos o espírito de nos erguermos e respondermos aos nossos inimigos de uma forma bondosa, mas levantamo-nos nos portões de nossas cidades para nos defender?

Quando os judeus da diáspora retornarão à sua terra?

Quando nossa terra se transformará em um jardim verdejante?

Quando a paz reinará na nossa terra e no mundo todo (dos Kibutzim Ein Harod e Beit Oren, 1936)

Em 1956 novos kibutzim foram estabelecidos na nova fronteira egípcia perto de Gaza. Na primeira Hagadá lá composta e impressa em 1956, o Kibutz Nahal Oz, localizado na fronteira de Gaza, modificou as quatro questões como a seguir:

Em todas as outras noites nossos antepassados eram escravos no Egito e se submetiam aos seus mestres.

Mas nesta noite, estamos livres e estabelecidos na fronteira com o Egito e agora nossas próprias mãos estão prontas para defender nossas vidas!

As Hagadot históricas de Otef

As Hagadot históricas de Otef: kibutzim Beeri, Nir Oz e Nachal Oz

No Kibutz Beeri muitos de seus membros foram massacrados ou tomados como reféns no 7 de Outubro. Eles compuseram sua própria Hagadá mesmo antes de se estabelecerem na fronteira egípcia com Gaza. Em 1946, os fundadores escreveram sua Hagadá para refletir seus valores e esperanças, e, alguns meses depois se estabeleceram na parte ocidental do Negev e começaram a construir o kibutz que sonharam ao redor da mesa do Seder.



A primeira Hagadá foi criada com uma simples máquina de cópias, mas depois do estabelecimento do Estado de Israel, o kibutz pediu a Paul Kor, um novo imigrante vindo de Paris, para que ele desenhasse uma nova e moderna Hagadá. Kor, que mais tarde se tornaria um famoso designer israelense, foi influenciado pelo otimismo dos jovens kibutzniks e criou a Hagadá no espírito da vila agrícola, dos campos, dos feixes de

trigo e das flores da primavera. Ele organizou este texto inovador não tradicional usando uma fonte da Torá – a tradicional escrita ashkenazi, assim expressando uma combinação de tradição e inovação.



³A imagem de uma página em verde acima é o “Ma Nishtaná” da Hagadá do Kibutz Nachal Oz, de 1956. O nome Nachal Oz significa Posto Forte, e nesta Hagadá, há um desenho feito à mão de um ramo de uma oliveira e uma espada, mas ironicamente 67 anos depois, no dia 7 de Outubro de 2023, nesta pequena comunidade, muitos membros do Kibutz, incluindo vários dos seus fundadores originais, já bastante idosos, foram assassinados, enquanto outros foram sequestrados para Gaza como reféns do Hamas.

As Hagadot históricas de Otef

As Hagadot históricas de Otef: kibutzim Beeri, Nir Oz e Nachal Oz

Ao final da Hagadá, Kor uniu o passado e o presente, quando desenhou imigrantes unindo-se ao mesmo tempo: das pirâmides representando o antigo Egito, dos barcos ilegais de refugiados vindos da Europa assolada pelo nazismo e da Torre de Babel, representando os movimentos jovens sionistas do Iraque, transformando todos em uma só comunidade.



Esta ilustração é um tributo aos três grupos que fundaram o Kibutz Beeri juntos. Ao lado do quadro, os fundadores seculares do kibutz constroem versos das consoladoras profecias de Jeremias e Isaías, pulando o nome do Deus de Israel, mas sem abandonar a mensagem bíblica de conforto: “Reprime a tua voz do choro, e seus olhos de lágrimas, pois seu trabalho será recompensado, disse Deus, e eles voltarão da terra do inimigo” (Jeremias 31:16).

De acordo com Yigal Zora, Linhas e pontos, Kibutz Beeri

FAÇAMOS UM BRINDE PELA DIVERSIDADE DOS JUDEUS

Avner Goren

Olhe para a salada de frutas: frutas doces e azedas, algumas com cascas lisas, outras ásperas, algumas duras, outras suculentas. Cada fruta traz seu próprio sabor, suas próprias cores e texturas.

Juntas elas criam algo novo quando unidas; enquanto separadas, saborosas e surpreendentes.

Assim somos nós:

Temos em nós uma abundância de bondade: alguns trabalham na terra, outros têm medo do céu; alguns são visionários, outros executores. Alguns trilham novos caminhos, outros se estabelecem em suas casas.

Cada um traz junto de si a sua própria língua, seus costumes e suas próprias crenças.

Juntos somos uma reunião, um kibutz de exílios e uma fusão de culturas, Uma maravilhosa criação – viva e essencial, nova, inovadora e autorrenovada.

Brindemos ao retorno aos portões da nossa terra, Ao kibutz de exílios reunidos. Celebrando sua fusão de culturas, E dando as boas-vindas àqueles que se juntam e participam!

Avner Goren, filho de fundadores de kibutz e autor da Hagadá do Kibutz Nir de 1996 foi assassinado em sua casa no dia 7 de Outubro, junto com sua esposa Maya.

As Hagadot históricas de Otef

As Hagadot históricas de Otef: kibutzim Beeri, Nir Oz e Nachal Oz

**A nova Hagadá ucraniana: “Para a nossa liberdade”
Za Nashu Svobodu «За нашу свободу» (2024)**

**“Quanto mais eles nos oprimem, mais nós crescemos”
(adaptado de Êxodo 1:12)**

Meu primeiro Pessach durou cerca de quatro horas. Na cantina pequena de uma universidade, o Seder estava lotado de gente e a maioria era da idade do meu avô. Não entendi nada porque a celebração inteira foi em hebraico, mas eu só falava russo e ucraniano. Tinha 12 anos e me senti como uma mera criança que só conseguia perguntar: “o que é isto?”. Mais tarde, em um dos seminários judaicos do projeto Keshet, na década de 2000, tivemos um dia exclusivo para a história de Pessach, e finalmente entendi sobre o que era a celebração, a quais eventos ela se referia e quem eram os principais personagens. Eu tinha 22 anos na ocasião.

Em 2022, quando a minha família se reuniu para o Seder de Pessach, eu não era mais aquela simples criança, então, organizei um Seder de “treinamento” para eles. Expliquei o significado simbólico de certos alimentos, contei a história do Êxodo, e enfatizei o tempo que levou para os judeus saírem da escravidão. Era o segundo mês da guerra em larga escala (na qual a Ucrânia está defendendo sua independência e sua identidade nacional contra a invasão russa). As sirenes estavam tocando e eu não tinha certeza se deveríamos ficar na mesa ou correr para o abrigo. Encontrei conforto no fato de que durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo nos campos, os judeus tinham alguns rituais de Pessach.

Infelizmente, muitos judeus ucranianos não falam hebraico e não conseguem entender as rezas e os textos e, assim, muitos têm de ler os textos de Pessach em russo.

Fiquei preocupada: como podemos celebrar nossa liberdade na língua do opressor? Resolvi que no futuro deveríamos celebrar o Pessach não somente na língua que herdamos dos nossos antepassados e antepassadas, o hebraico sagrado, mas também em ucraniano – uma língua que se tornou um símbolo de coragem, força, desejo indomável – a língua da terra onde nasci e fui criada. O projeto Keshet da nova Hagadá ucraniana é chamado de “Para nossa liberdade” (2024) e estas palavras estão no hino nacional ucraniano: “Devemos sacrificar alma e corpo por nossa liberdade”. Isso nos lembra a disposição dos judeus ucranianos, que, em meio a enorme invasão russa, continuaram a estabelecer sua identidade distinta. O título reflete o desejo de união pelo bem de nossa liberdade e a escolha de nossa identidade como judeus ucranianos.

Por Vlada Nedak, diretora executiva do Projeto Keshet – organização feminina judaica ucraniana.



Zoya Cherkasi

Os quatro filhos e filhas contemporâneos

Arbaá Banim Uvanot

אַרְבַּעַה בְּנִים וּבָנוֹת

Quatro crianças contemporâneas israelenses: Filhos e Filhas



Ilustrações de: Michel Kichka

Hoje, como no passado, muitas famílias judias sentem o desafio dos conflitos geracionais sobre a definição da identidade judaica, lealdade judaica e a busca pelo tikkun olam/justiça social. Estes pais, é claro, têm memórias e experiências diferentes do que seus filhos e esta é a razão original pela qual a Hagadá foi feita. A Torá diz que é natural que os filhos perguntem sobre o significado dos compromissos e rituais judaicos centrais aos seus pais e avós, além de visões de mundo e práticas. É saudável quando filhos e pais perguntam uns aos outros sobre falhas nas perspectivas e valores. Se nos permitirmos sermos honestos e abertos, as experiências divergentes de gerações em Israel, nos Estados Unidos e no Brasil, além de outros países, podem estar no centro de tais conversas. Na Hagadá, os rabinos promovem uma visão diferenciada de questões colocadas por seus diversos filhos e as

respostas apropriadas. Quem é a filha sábia ou o filho sábio e quais questões associamos a eles? Quem, se há algum filho, é o “rasha” entendido como malicioso ou rebelde, ou talvez corajosamente crítico? Quando a alienação de uma identidade judaica é mais um produto da abordagem educacional inadequada dos pais ou a revolta jovem do filho e sua crítica idealista ao status quo? Lembre-se que a profecia de Elias, cheia de esperança, é que ele: “converterá os corações dos pais aos filhos e os corações dos filhos a seus pais” (Malaquias 3:24).

O “filho mau” é todos nós, pelo Rabino Donniel Hartman

Este trecho tem como objetivo lembrar aos pais que nossas crianças não são inflexíveis, imutáveis. Enquanto contamos nossa história, devemos nos adaptar às suas diferentes sensibilidades e habilidades. No entanto, este trecho que pretende aumentar a sensibilidade parental falha drasticamente em sua resposta ao filho que é designada como “mau”. Enquanto tal, serve como um modelo de muito valor pedagógico de como não fazer. A Hagadá fala sobre um tempo mítico quando éramos ameaçados por perguntas rudes e tínhamos medo de pessoas cuja lealdade não era garantida. Hoje, todos somos o “filho mau”. No mundo moderno, somos abençoados com identidades múltiplas e todas reivindicam lealdade. Ser judeu é uma das muitas identidades disponíveis a nós. Se o judaísmo é reivindicar nossa lealdade, será por que escolhermos ativamente o judaísmo junto com as outras ou em primeiro lugar. E só podemos fazer isso porque a história judaica permite nossas árduas questões e abraça as diferenças, e, é moralmente, intelectualmente, culturalmente e espiritualmente envolvente. E a partir daí, seremos os “filhos maus” que escolhermos o judaísmo como nossa casa.

Os quatro filhos e filhas contemporâneos

Arbaá Banim Uvanot

אַרְבַּעַה בְּנִים וּבָנוֹת

O judeu é uma disputa encarnada, por Philip Roth

“POR QUE OS JUDEUS NÃO CONSEGUEM ser um povo?

Por que os judeus estão em conflito uns com os outros?

Por que eles precisam estar em conflito com eles mesmos? Porque discordâncias não são somente entre um judeu e um judeu – elas ocorrem dentro de um indivíduo judeu. Será que há uma personalidade mais múltipla no mundo? Eu não digo dividida. Dividida não é nada... Mas dentro de cada judeu há uma multidão de judeus. O bom judeu, o mau judeu. O novo judeu, o velho judeu. O amante dos judeus, o hater dos judeus. O amigo do góy, o inimigo do góy. O judeu arrogante, o judeu ferido. O judeu piedoso, o judeu safado. O judeu grosseiro, o judeu gentil. O judeu desafiador, o judeu apaziguador. O judeu judeu, o judeu desjudeizado. Devo continuar? Então, tenho que explicar o acúmulo de 3.000 anos de fragmentos ... Será que é realmente uma surpresa que um judeu esteja sempre disputando? Ele é uma disputa, encarnada. (Operação Shylock, 1993)

RACHEL SHALEV, 4 FILHAS, ISRAEL 2024

A ilustradora israelense Rachel Shalev, conhecida por suas ilustrações sobre a maternidade na imprensa israelense, retrata as Quatro filhas como quatro fases na vida de uma mulher: A inteligente “Hermione Granger” adolescente, a adolescente cínica, a buscadora espiritual com seus 20 e poucos anos de idade e a mulher adulta se transformando em uma professora para a sua própria filha que não sabe ainda como perguntar. Shalev muda a hierarquia comum das crianças, começando com a inteligente e daí em diante. Passando pelas quatro filhas como que passando pelas mudanças e fases da vida, questões saudáveis permanecem como um elemento chave na vida de uma mulher



Os quatro filhos e filhas contemporâneos

Arbaá Banim Uvanot

אַרְבַּעַה בָּנִים וּבָנוֹת

As quatro mulheres israelenses: quem representa a imagem ideal da mulher sábia na sociedade contemporânea? Por Michel Kichka, 2024

1 - Oficial israelense de combate na reserva e mãe refletem sobre o papel, sem precedentes, das mulheres nas IDF lutando contra os terroristas do Hamas. Tanques de guerra com equipes exclusivamente femininas mataram 50 terroristas que invadiram comunidades israelenses perto de Gaza durante 17 horas de combate no dia 7 de Outubro de 2023 e elas foram as primeiras israelenses (e talvez as únicas ocidentais) soldadas mulheres a terem participação ativa na batalha. Uma soldada disse: "Vocês vivem dizendo 'heroínas' e 'histórica'... Eu não me sinto uma heroína. Eu me sinto como uma soldada, a quem foi dado um trabalho e eu o cumpri." Outra disse: "Você pensa nos civis presos em suas casas e as pessoas que precisam de nós. Você entende que não há espaço para termos medo." (Uma das oficiais se formou no Hartman Midrashiya Girls High School).

2 - Colona religiosa sionista que estuda o Talmud diariamente (Daf Yomi), uma nova tendência entre as mulheres religiosas ortodoxas.

3 - A mulher que protesta nas demonstrações da reforma antijudicial (que aconteceram durante nove meses, semanalmente, em 2023) é

explicitamente baseada em Tova Sheleg, a estudante de direito, de baixa estatura e cabelos cacheados, filha de dois jornalistas religiosos politicamente liberais, que organizou a filial em Jerusalém dos protestos judiciais ao unir manifestantes religiosos (ortodoxos, conservadores e reformistas) com seculares da esquerda, centro e direita para defender os princípios da Declaração de Independência Israelense e a separação de poderes em um estado democrático judaico.

5 - "Lona" é uma israelense secular e uma corredora de maratona olímpica do Quênia. O seu melhor tempo na maratona é 2h17m45s, em 2020, tempo este que fez com que ela se tornasse a sexta mulher mais rápida da história, a segunda europeia de todos os tempos, e estabeleceu um novo recorde nacional israelense. (Ela veio para Israel em 2008 para trabalhar como babá dos filhos do embaixador do Quênia em Israel e casou-se com o treinador de atletismo Dan Salpeter).



Os quatro filhos e filhas contemporâneos

Arbaá Banim Uvanot

אַרְבַּעַת בְּנִים וּבָנוֹת

Quem é a primeira filha Sábia? Eva, a primeira empreendedora da Start-Up, por Yoel Cheshin

E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. (Gênesis 3:6)

Ensinamos aos nossos filhos a pesquisarem, a serem curiosos, a observarem e aprenderem. Como empresas de venture capital que financiam companhias inovadoras de alta tecnologia, buscamos empreendedores com um grande desejo de investigar, desenvolver e fazer tudo que for necessário em seus projetos a fim de elevá-los a outro patamar. Somos criadores de projetos cuja própria curiosidade nos motiva a caminhar e nos dá motivo para levantarmos todas as manhãs. Será que realmente queremos descrever o comer do fruto da Árvore do Conhecimento como um pecado?

A Torá nos diz que Eva seduziu Adão para que ele comesse o fruto da

Árvore do Conhecimento e a coloca como culpada. Mas na minha cabeça, Eva é a primeira empreendedora de uma start-up. Ela é a pesquisadora que testou o fruto e compartilhou com seu marido. Em virtude da sua curiosidade, ela se recusou a desistir de uma oportunidade e foi fazer um experimento. Portanto, ela não pecou, mas sim expressou seu espírito empreendedor dentro dela. Ela simplesmente interagiu com o ambiente ao redor. A identificação da iniciativa de start-up da primeira mulher, Eva, com uma transgressão talvez seja a razão que no mundo inteiro a porcentagem de mulheres empreendedoras de start-ups e investidoras de VC seja vergonhosamente baixa. Se elogiássemos a coragem de Eva, a curiosidade e seu espírito de colaboração em relação a Adão, aí teríamos a possibilidade de criar um equilíbrio entre a quantidade de start-ups masculinas e femininas.

(Yoel Heshin, criador israelense de VC, cujo pai, Mishael Cheshin, foi membro da Suprema Corte de Justiça israelense)

Quem é o filho mau/malicioso hoje?

A diferença entre as gerações: como as gerações se tornaram distantes?

Quem é o filho "malicioso", Pai?

Carta de Franz Kafka ao seu pai (Praga, Tchecoslováquia, 1919).

"Não consigo entender como, com um pedacinho insignificante de judaísmo que você possui, você pode me repreender por não fazer um esforço... agarrar-se a este pedacinho insignificante. Foi um... quase nada, uma piada que nem é piada... em casa... confinado a um primeiro Seder, que mais ou menos acontecia como uma farsa, com arroubos de risadas histéricas. Como alguém não consegue fazer algo melhor do que livrar-se dele o mais rápido possível... e precisamente o livrar-se dele parece ser a ação mais devota de todas."

Os quatro filhos e filhas contemporâneos

Arbaá Banim Uvanot

אַרְבַּעַה בְּנִים וּבָנוֹת

"Dr. Heschel, o que vocêalaria aos jovens?"

Em uma entrevista para a TV em 1972, a última declaração pública antes de sua morte, o Rabino Abraham Joshua Heschel foi perguntado: "O que o senhoralaria aos jovens?" Esta foi a resposta: "Lembre-se que há significado além do absurdo, que cada pequeno ato conta, que cada palavra tem poder - e que nós podemos, todos nós, fazer a nossa parte na redenção do mundo, apesar de todos os absurdos, frustrações e decepções. Lembrem-se que a vida é uma celebração e acima de tudo lembrem-se que o significado da vida é construir uma vida como se fosse uma obra de arte."

(Rabino A. J. Heschel veio de uma família de rabinos hassídicos, acadêmico e filósofo, ativista social junto com Dr. Martin Luther King Jr, a quem ele convidou para o Seder antes de seu assassinato em 1968).



Quem é a criança maliciosa em relação a Israel?

Há diversas opiniões sobre assuntos políticos, incluindo assuntos envolvendo Israel em uma mesma família. As questões e as discussões no Seder devem incluir diversas vozes de forma respeitosa. Também observamos que os rabinos designaram certos graus de alienação entre pais judeus e seus filhos como uma ameaça à comunidade judaica. Como resultado disso, eles nomeiam alguns filhos como maus/maliciosos. Onde estão nossos limites hoje? Como podemos traçar pontes nestas lacunas?

Vehí Sheamdá והיא שעמדה

“Em cada geração eles se erguem para nos exterminar” por Noam Zion

A história judaica parece nunca se tornar um fato histórico irrelevante no passado. O educador socialista Yitzhak Tabenkin, na década de 1930, com a ascensão do regime nazista na Alemanha além do antissemitismo disseminado na Rússia soviética, Polônia, França e Estados Unidos, explicou o significado da identidade judaica às crianças em seu kibutz, trazendo a trama original do Faraó ao jogar todos os meninos judeus no Nilo.

No Pessach, cada judeu/judia é obrigado(a) a se perguntar: Quando eu nasci? Onde eu nasci? Qual momento histórico carrego comigo?

Eu olho para meu RG e leio o script invisível:

“Meus pais nasceram como escravos no Egito quando o Faraó, o rei do Egito, comandou o primeiro genocídio da história.” “Eu também estava lá!”

Tabenkin se deu conta que o Seder não é somente a liberdade da escravidão no Egito, é também sobre a exploração econômica e sobre a luta contra o genocídio, uma luta para

preservar uma identidade nacional judaica. Assim, a Hagadá sempre nos lembra que o Pessach não é somente uma celebração de liberdade conquistada tempos atrás, mas também uma ameaça constante à nossa existência: EM TODAS AS GERAÇÕES.

Na Hagadá original “Halaila HaZe”, o ilustrador e cartunista político Michel Kichka retratou as tentativas perenes de destruir nosso povo como uma ofensiva de uma multidão ao longo das épocas. Ele desenhou os personagens do Faraó, cristãos das Cruzadas e inquisidores, czaristas que realizavam pogroms e mais, liderados por um oficial nazista, de forma irônica, apesar das memórias doloridas de suas ações.

A abordagem humorística de Kichka continua a tradição do humor judaico ao longo de centenas de anos de sofrimento. Depois dos ataques de 7 de Outubro, ele acrescentou uma nova e terrivelmente familiar imagem: o terrorista nacionalista islâmico radical do Hamas. Kichka foi cuidadoso ao distinguir a busca legítima palestina por autodeterminação, retratando um míssil produzido no Irã na mão deste lutador paramilitar. Ele mesmo filho de um sobrevivente de Auschwitz, Kichka é um militante no movimento Peace Now há 30 anos e luta por uma solução de dois estados, uma solução que o Hamas violentamente é contrário.



Complementa a página 66 da Hagadá

Esser Hamakot עֶשֶׂר הַמַּכּוֹת

“Não se alegre na derrota dos seus inimigos”, pelo Rabino Jonathan Sacks

Uma das explicações mais belas para quando derramamos uma gota de vinho quando mencionamos as palavras “sangue”, “fogo” e “colunas de fogo” em cada uma das pragas e nas três palavras da mnemônica do Judá, o príncipe, é Avudraham, que interpreta isto com o verso de Provérbios (24:17), “não se alegre quando seu inimigo cair”. Mesmo quando agradecemos pelo milagre das pragas, cujo resultado foi a liberdade de nossos antepassados, também derramamos uma lágrima simbólica por aqueles que sofreram. É por isso que a Torá não menciona a palavra simchá, “alegria”, quando em relação à celebração de Pessach, ao contrário de outras festas. Deus não se alegra quando da queda dos maus; nem nós devemos nos alegrar.

A maturidade moral envolve uma habilidade de viver com emoções e situações complexas. Podemos ficar animados com um evento porque ele representa o triunfo da justiça, enquanto ao mesmo tempo nos identificamos com o sofrimento das vítimas. Uma das glórias do judaísmo é que ele reflete a complexidade da vida moral sem recuar para o ceticismo ou ao relativismo. Os heróis da Torá raramente não têm defeitos, e nem os vilões não têm virtudes. Isto não nos impede de fazermos julgamentos morais, não mais do que o cinza nega a existência do preto e do branco. Mas isto nos deve proteger contra o tipo de atitude que divide a humanidade em “filhos da luz” e “filhos da escuridão”. O judaísmo foi a primeira fé da história a ensinar a unidade da humanidade sob a paternidade universal de Deus. Desta forma, as lágrimas são uma linguagem universal e a solidariedade não deve conhecer fronteiras religiosas ou nacionais.

Bechol Dor Vador בְּכֹל דּוֹר וָדוֹר

"Uma pergunta de uma simples menina: como nós, também, podemos sair do Egito hoje? Por Tamar Elad-Appelbaum

E Moisés respondeu ao Faraó: "E sairemos (do Egito, todos nós) com nossos filhos e nossos avós (Êxodo 10:9).

Em uma noite de Seder, em um subúrbio de Tel Aviv, quando eu tinha aproximadamente sete anos, nossa grande família, os Bouskilas, originalmente do Marrocos, reuniu-se na mesa de Pessach dos meus amados avós, Saba Yaish e Savta Zari, que descansam em paz. Começamos o Seder com muita animação, com canções e alegria. Mas o Seder foi ficando cada vez mais longo e meu avô percebeu que estava todo mundo ficando cansado, apesar de não termos acabado a Hagadá e não tínhamos chegado à refeição, Shulchan Orech. Então, ele anunciou: "Meus queridos, há algumas pessoas cansadas aqui, então vamos pedir para a Savta, para as noras, e nossas queridas netas para irem para a cozinha prepararem a comida, enquanto o resto de nós completa as leituras da Hagadá. Assim, vamos conseguir acelerar um pouco do Êxodo do Egito hoje."

Todo mundo achou o plano razoável. Savta Zari levantou e foi para a cozinha. Minha mãe e minhas tias também. Agora era a minha vez, a mais velha das netas. Todas as outras mulheres já estavam na cozinha. Mas de repente eu parei, uma menininha apoiada na mesa do Seder, e gritei: "Não, Saba! Meu querido Saba, você me ensinou que nesta noite todos saíram do Egito juntos. Você me ensinou que todos somos livres e todos estamos destinados a viver como pessoas livres em Eretz Israel. Mas agora você manda todas as mulheres para a cozinha? Como nós, também, a família inteira junta, chegaremos na terra de Israel?"

Eu fiz a pergunta da criança simples. A questão de uma criança simples, uma neta.

Silêncio. Todo mundo emudeceu. Meu amado Saba Yaish levantou e anunciou: "A menina está certa. Assim como lá no Egito, hoje, assim como antes, e assim como sempre, sairemos do Egito somente quando estivermos todos juntos, toda a família, e todos ajudando até chegarmos!"

Naquela noite, na casa dos meus avós perto de Tel Aviv, toda a família Bouskila saiu do Egito. Juntos acabamos a porção do Maguid da Hagadá. Juntos fomos para a cozinha. Juntos todos ajudamos. E juntos recebemos a honra de nos tornarmos homens e mulheres livres em Israel. Naquela noite cantamos até o meio da noite – Hallel, o cântico dos cânticos, canções de louvor e poemas litúrgicos. Naquela noite, Saba Yaish e Savta Zari nos mostraram o caminho para a terra de Israel, o caminho da união familiar, o caminho de moderação e tolerância, o caminho de honrar todas as criaturas de Deus em humildade, ouvindo uns aos outros e assumindo responsabilidade mútua uns pelos outros.

(Tamar Elad-Appelbaum, rabina e fundadora da Kehilat Zion, Jerusalém; cofundadora do Beit midrash para rabinos israelenses no Hartman Institute).

Bechol Dor Vador בְּכֹל דּוֹר וְדוֹר

“Nossas mães como heroínas: minha mãe e o êxodo de nossa família da África”

Parte 1

“E naquele mesmo dia farás saber a teu filho, dizendo: Isto é pelo que o Senhor me tem feito, quando eu saí do Egito” (Êxodo 13:8).

Em um tradicional Seder de Pessach etíope (Kurban), é o Qes (o rabino) que conta ao seu filho (“como se ele tivesse saído do Egito”) sobre a jornada bíblica da África, do Egito à terra de Israel, da escravidão para a liberdade. Mas em nossa família, é no dia da Independência de Israel, o Yom HaAtzmaut, que minha mãe conta a história da nossa caminhada real em 1984 da Etiópia ao Sudão e de lá para Israel.

A partir desta história, aprendi sobre a coragem e a determinação da minha mãe na proteção de toda e qualquer criança em relação aos perigos de morte e mesmo em tempos de crise – nunca desistir. Ela me mostrou os traços de caráter necessários para liderar nossa jornada para a liberdade em Israel e em nossa campanha como mães ativistas, a fim de liberar todos os seres humanos, e especialmente, todas as mulheres no nosso país.

Além disso, também aprendi com a minha mãe, cujo nome na língua amárica é Tru Work Adane, sobre a obrigação de um pai e de uma mãe de lutar pela educação de uma filha, mesmo diante dos preconceitos mais fortes. A necessidade da minha mãe pela educação começou quando minha avó, que tinha ficado viúva muito jovem, ficou sem terra e perdeu os benefícios de um marido que a sustentava. Entretanto, minha avó decidiu mandar a minha mãe, a filha mais nova, para uma

escola judaica juntamente com os irmãos, diferente de suas irmãs mais velhas, que tinham casado muito cedo, sem nenhum tipo de educação formal. Minha mãe lembra com muita alegria quando ela foi para a escola e como os anos que ela passou lá foram os mais bonitos e mais significativos da vida. Ela se sentiu privilegiada sendo a única filha da família que estudou. Mas, alguns parentes pressionaram a minha avó a casar minha mãe (ela tinha 15 anos) com um homem que prometeu que ela poderia continuar estudando. Contudo, como uma mulher casada com responsabilidades domésticas e em breve com filhos, o sonho dela de continuar a estudar evaporou. Enquanto minha mãe sofria com a oportunidade perdida, ela prometeu a si mesma que, não importa o que acontecesse, suas filhas nunca sofreriam aquela discriminação, como ela tinha sofrido.



Bechol Dor Vador בְּכֹל דּוֹר וְדוֹר

“Nossas mães como heroínas: minha mãe e o êxodo de nossa família da África”

Parte 2

Já que a renda do marido não era suficiente para as despesas escolares dos filhos na Etiópia, minha mãe tinha trabalhos extras na agricultura e depois como uma talentosa costureira para mulheres cristãs ricas. Quando eu nasci, a primeira filha depois de três filhos, ela me mandou (aos quatro anos de idade) para uma pré-escola gerenciada por um monge cristão chamado Abba Yanta. Ele nos ensinou números e letras na língua ge'ez e na língua amárica oral moderna, enquanto nos reuníamos em torno do único livro didático. Como presente para ele, minha mãe mandava purê de milho feito em casa, enquanto ele a chamava com o título honorário de “Mãe de Tzewew” (que era meu nome). Até nos períodos mais difíceis economicamente, minha mãe nunca economizava na nossa educação.

Quando fiz 12 anos, estava na 8ª série, começamos a organizar nossa marcha ilegal da ditadura comunista na Etiópia via Sudão para Israel. Minha mãe decidiu começar sua caminhada com seis de seus filhos, até mesmo sem o meu pai (que se juntou a nós depois no Sudão), e estava acompanhada por sua mãe e por parentes. A peregrinação constituiu seu Êxodo pessoal para a liberdade a pé, por centenas de quilômetros, através de um deserto seco, para conquistar o seu sonho até Jerusalém. A marcha diária geralmente começava à noite, para evitar a polícia e o calor. Enquanto três pessoas já tinham idade suficiente para andarem sozinhas (9, 12 e 16 anos de idade) minha mãe ou meu irmão carregava nosso irmão de 3 anos nas costas. Minha mãe contratou dois guias locais para carregarem meus irmãos de 5 e 7 anos. Depois de cada caminhada, todas as manhãs minha mãe fazia a chamada com meus irmãos, já que ela sabia que alguns parentes tinham tragicamente se perdido durante o percurso.

Quando nos aproximamos da fronteira com o Sudão, em uma área particularmente seca do deserto e sem água, fomos avisados para irmos rápido no meio da noite. Daí, os “coiotes” nos deixaram e continuamos, a passos pesados, exaustos do vento quente e sedentos, porque nossos potes já tinham se esvaziado. Quando todas as famílias chegaram em uma área com muitos arbustos perto da fronteira, minha mãe me perguntou: “Onde estão seus irmãos menores?” Eu disse a ela que tinha os visto sob uma árvore e pedido que nos seguissem, mas eles tinham desaparecido. Minha mãe abriu os olhos em choque, mas não conseguia falar nada. Eu lembro da minha mãe lá de pé, com as mãos na cintura, sem poder fazer nada, sem saber o que fazer, olhando para a direção de onde tínhamos vindo. Ela sentou no chão, abraçando meu irmão de três anos e se balançando, tentando se acalmar.

Meu irmão mais velho saiu com outros jovens para achar um pouco de água para todo grupo, apesar de a água ser mais lama do que água. Mas mesmo assim, aquela água salvou nossas vidas. Minha mãe usava um pedaço de tecido para filtrar e dava um pouco para cada um de nós. Mas ela não tomava nem um gole, só fechava a tampa, colocava debaixo das pernas e se recusava a dividir com ninguém: “Não, estou guardando para os meus filhos, (meus filhos perdidos), não para mim!”

Daí, ela falou para o meu irmão: “Pegue o cavalo da vovó, leve esta água e traga seus irmãos de volta”. Neste meio tempo ficou escuro, mas minha mãe se recusava a beber ou comer. Ela estava esperando seus filhos perdidos. Eu não lembro da hora exata, mas no meio da noite meu irmão voltou com meus irmãos perdidos. Minha mãe lamentava: “Eu quase perdi três dos meus filhos!”. Finalmente, na última semana, perdemos Manaale Genetu, de três anos de idade, a filha da sobrinha da minha mãe, e nos últimos dois dias, Ayelign Avera, de 40 anos, seu cunhado. (Até hoje, 40 anos depois, nós não sabemos o que aconteceu com eles).

Bechol Dor Vador בְּכֹל דּוֹר וְדוֹר

“Nossas mães como heroínas: minha mãe e o êxodo de nossa família da África”

Parte 3

Depois de três meses desta marcha debilitante e depois de três meses nos campos de refugiados no Sudão, o Mossad nos levou (nos aviões de carga Hércules) para Israel – na operação Moshe, e chegamos uma semana antes do dia da Independência. Ao longo do tempo, o Dia da Independência se tornou uma reunião tradicional de família com uma refeição de agradecimento (Thanksgiving) para agradecer o Senhor por nos unir e pelo privilégio de termos feito a Aliá em paz. Todos os anos, minha mãe conta a história da caminhada de novo, enfatizando como Deus salvou seus filhos – Yael, Asher e Uri – como eles são chamados em hebraico. Claro que lembramos da vovó Wagaye Yitzhak que (começou a jornada, mas não terminou) permitiu que nossa mãe, sua filha mais nova, fosse à escola apesar das convenções sociais discriminatórias. Até hoje minha mãe nos incentiva – sua família academicamente formada (filhos e netos) – a continuar estudando. Não há uma semana que ela não me pergunte algo sobre meus estudos.

Sinto que minhas conquistas foram por mérito. Internalizei, da minha juventude, o fato de que quando você tem o desejo, nada pode te parar, desde que você tenha fé no Criador e em você mesmo. Como diretora executiva da Associação para Judeus Etíopes (2010-2019), a organização tem se comprometido com políticas sociais de mudança e também combatendo o racismo em Israel. E eu sabia que poderia influenciar e mudar a realidade, pelo incentivo e pela fé da minha mãe. Além disso, organizamos o movimento Mothers on Guard para superar a violência e o preconceito policial contra jovens de herança etíope e contra todos os civis. Diante dos meus olhos, posso ver a integridade, a fé e o

profissionalismo que caracterizam minha mãe.

Hoje, como uma mãe que tem um mestrado em estudos de gênero e que lidera organizações públicas de advocacy, eu agradeço o quanto minha mãe uniu o carinho pela família com a liderança, mesmo sem conhecer a teoria feminista. Ela é minha heroína.

Por Ziva (Tezezew) Mekonen Degu



Shfoch Chamatcha

שִׁפּוֹחַ חַמַּתָּךְ

**Extravase a sua ira e
extravase o seu amor.**

**Uma promessa
por Avraham Shlonsky**

O poeta israelense Avraham Shlonsky compôs “Uma promessa” para o Pessach de 1943, depois de ler sobre as notícias da exterminação dos judeus europeus pelos nazistas. O nome do poema em hebraico “Neder” refere-se à cerimônia de Kol Nidrei, que promulga as desculpas oficiais de promessas não cumpridas antes do Yom Kipur. Neste caso, em relação ao Holocausto, o poeta promete que permanecerá indignado justamente para todo o sempre - para que nunca esqueçamos.



Uma Promessa

Com os meus olhos eu testemunhei a matança
Meu coração foi sobrecarregado com gritos por justiça

Minha compaixão me ensinou um perdão
Até os dias nos quais era terrível perdoar

Eu jurei: Lembrar tudo,

Lembrar – não esquecer nada!

Não esquecer nada até a última geração

Até que minha indignação seja extinta

Quando minha censura moral seja atingida pela exaustão.

Uma promessa: para que nunca a noite do terror passe

Uma promessa: para que nunca eu retorne ao meu costume

Sem ter aprendido nada, até mesmo agora.

Discurso de Rachel Goldberg na ONU: "O ódio é fácil."

Rachel é a mãe de Hersch Goldberg-Polin, o ferido aprisionado em Gaza que foi sequestrado pelo Hamas no Festival Nature Music no Kibutz Reim (chamado ironicamente de Festival da União e do Amor no Kibutz dos Amigos)

Então eu vivo aqui em um universo diferente de todos vocês. Vocês estão aqui... mas eu, como todas as mães e pais e maridos e esposas e irmãos e irmãs e amados daqueles que foram roubados, nós, na realidade, vivemos em um planeta diferente. Um planeta de agonia... Este planeta está além da dor, nosso planeta onde não dormimos, nosso planeta do desespero, nosso planeta de lágrimas.

Em uma competição de dor não há nunca um vencedor. Em um artigo recente que li, há uma parte muito eloquente que diz que quando você fica com raiva somente quando bebês de um lado são mortos, sua bússola moral, seus valores e sua humanidade estão mortos. E, portanto, em seus momentos de silêncio, todos nós em todos os lugares no planeta Terra devemos nos perguntar: eu pretendo ser um ser humano? Ou sou varrido para o mundo delicioso e sedutor do ódio? Este não é um fenômeno único em relação a Israel ou Gaza, está em todo lugar do nosso planeta. Eu entendo o ódio ao outro - quem quer que seja que decidimos que o outro é - o ódio é sensualmente sedutor e, mais importante, é fácil. O ódio é fácil. Mas o odiar não é nem construtivo nem útil...

Uma coisa me deu um pouquinho de esperança depois do horror de 7 de Outubro. Quando uma das testemunhas com quem eu falei me contou: quando o primeiro disparo de míssil começou e todos aqueles hippies jovens, amantes da música, começaram a correr para os abrigos antibombas, havia um homem beduíno que era um segurança em um kibutz do

outro lado da rua e ele correu para o mesmo abrigo. E quando o Hamas foi se aproximando ele disse aos jovens: "Shh! Vocês fiquem quietos e eu falarei com eles." E ele saiu e falou em árabe: "eu sou muçulmano, todos que estão aqui dentro são meus familiares, vocês não precisam procurar aqui." Ele tentou salvá-los. Ele poderia ter dito somente "eu sou muçulmano" e se salvado. Mas ele tentou fazer a coisa certa, mesmo nesta situação apavorante na qual ele precisou de uma coragem inimaginável. Mas ele foi brutalmente atacado e as testemunhas não sabem qual foi seu destino. Mas tenho este consolo, mesmo por um segundo somente, que havia alguém tentando fazer a coisa certa, quando tudo no universo tinha virado de cabeça para baixo.

Nós, seres humanos, fomos abençoados com os talentos do intelecto, a criatividade, o insight e a percepção. Por que não estamos usando tudo isso para solucionar os problemas globais ao redor do mundo? Porque fazer isso é difícil, e são necessários coragem e imaginação, risco e esperança. Então, ao invés disso, optamos pelo ódio que é tão confortável, tão familiar e tão, tão fácil...



Gratidão pela soltura de nossos reféns

Qual bênção uma pessoa diz quando, de repente, você tem a sua vida de volta?

Por Jacky Levy

Jacky Levy é um artista popular em Jerusalém e autor de livros infantis, cujos parentes, Sahar e Erez Calderon (16 e 12 anos) foram sequestrados pelo exército do Hamas em 7 de Outubro e depois soltos na troca de reféns, após 52 dias em cativeiro. O pai, Ofer, foi ferido no ataque e não foi solto.

“As crianças voltaram!” É a única coisa que conseguimos murmurar. Nossa família é geralmente muito verbal, mas durante o longo período que as crianças ficaram no cativeiro, tudo foi diminuído e havia somente algumas palavras isoladas de esperança: “Eles voltarão!”. Por dois meses, nossa falta de palavras nos jogou nos braços de duas velhas canções e versos bíblicos, o campo musical israelense e a herança infantil do nosso judaísmo. Quando não temos o que dizer, tentamos confiar numa boa citação. E assim, em cada linha clássica, em cada verso, cada palavra se revela nova. De repente, elas estão cheias de relevância como se tivessem sido escritas para aquele momento.

Desde que conseguimos ver finalmente os rostos daquelas crianças do Kibutz Nir Or e, entre elas, Sahar e Erez, as palavras que permanecem em meu coração são da abertura do Salmo recitado em Pessach:

“Deem graças ao Senhor porque ele é bom e sua bondade divina dura para sempre! Assim o digam os que o Senhor resgatou, os que livrou das mãos do inimigo” (Salmos 107:1-2).

Com que frequência eu recitei estas palavras festivas, tão gastas, no passado, mas nunca tinha parado para pensar como os redimidos devem realmente se sentir. O que um ser humano sente

e diz quando ganha a vida novamente depois de ficar refém nas mãos de seu inimigo. Depois daqueles que amamos terem ficados dias, semanas ou meses em um local onde suas vidas não valem um centavo e, de repente, a hora do abraço chega – o oposto das garras das “mãos inimigas”. Assim aparentemente é dito: “Graças ao Senhor! Porque Deus é bom e a bondade divina é para sempre!”

Mesmo dentro de uma família sionista de esquerda de kibutzniks, sou praticamente o único que reza e se sente bem com estes versos antigos. Talvez “Louvado seja Deus!” seja exatamente o que a mãe das crianças, Hadas, disse. Ela falou estas palavras quando anunciaram que seus filhos tinham sido liberados, depois de rugir como uma leoa que tinha acabado de salvar seus filhotes das presas de um chagal. Depois que Hadas levantou as mãos aos céus (braços que eu acho que depois aumentaram 10 centímetros), disse, “Sim, há um Deus!”. Uma versão atualizada do “Louvado seja Deus, porque Deus é bom!”.



A foto mostra Jacky Levy e Noam Dan protestando do lado de fora do Ministério da Defesa Israelense pelo retorno dos reféns, incluindo seu cunhado, Erez Calderon (29 de outubro de 2023)

Leshaná Habaá Birushalaim

לְשָׁנָה הַבָּאָה בִּירוּשָׁלַיִם

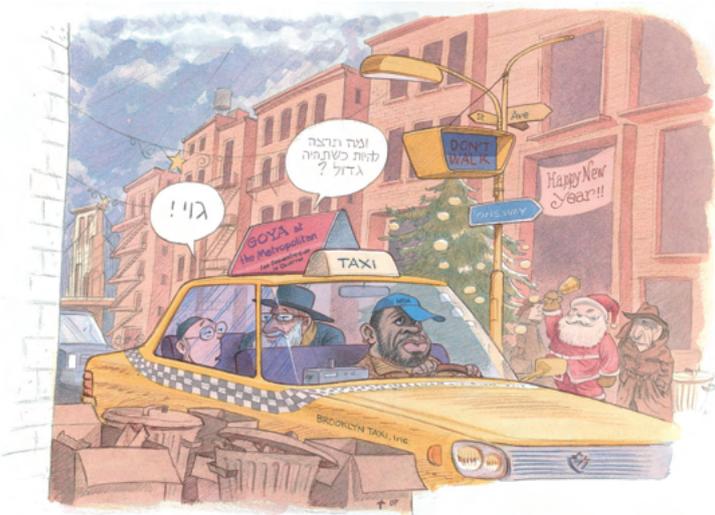
As boas novas de Elias e no próximo ano em Jerusalém

Desde o 7 de Outubro, muitos israelenses se cumprimentam não mais com o usual shalom, ou lehitraot, mas com os desejos tradicionais associados ao profeta Elias: beserot tovot – que haja boas notícias!

Que nós não sejamos mais extraordinários, por David Grossman

Desejo que nós, israelenses, consigamos – talvez pela primeira vez na história – não sermos mais uma história que está constantemente no centro da atenção mundial, no centro das agendas internacionais; que finalmente paremos de ser uma história notoriamente monumental; como somos desde o que começo dos tempos, e que comecemos a ser somente uma história dentro de histórias de outras nações; uma história especial, é claro, mas uma história cheia de camadas, comovente e cativante, mas, pelo amor de Deus: não uma história monumental, somente uma outra história de vida (Morte como modo de vida, 2003).

(David Grossman, romancista israelense e ativista pela paz, pai de um soldado morto na guerra com o Hezbollah no Líbano em 2006).



Leshaná Habaá Birushalaim

לְשָׁנָה הַבָּאָה בִּירוּשָׁלַיִם

Tikva/Esperança: um enclave de liberdade na alma humana,

por David Grossman

Esperança, eu penso de novo e de novo, tentando emergir dentro de mim. Chamei por ela, bem alto, até em hebraico, talvez ela fale hebraico: "Tikva! Tikva!". Eu pensei sobre o hino nacional de Israel que é chamado de "HaTikva", "A esperança" e fala da esperança dos judeus vivendo por dois mil anos no exílio, a esperança de um dia serem capazes de viver em seu próprio país. Foi a esperança que frequentemente os manteve vivos.

Esperança é um substantivo, mas contém um verbo que a empurra para o futuro, sempre para o futuro, sempre com um movimento para frente. Uma pessoa pode olhar para esperança como um tipo de âncora jogada de uma existência desesperada e sufocada mirando um futuro melhor e mais livre. Em direção a uma realidade que ainda não existe, feita, principalmente de desejos, de imaginação. Quando a âncora é lançada, ela se fixa no futuro e, seres humanos e às vezes uma sociedade inteira, começam a se arrastar em direção a ela.

É um ato de otimismo. Quando lançamos esta âncora imaginária para além das circunstâncias concretas e arbitrárias. Quando ousamos ter esperança, estamos provando que há algum lugar em nossa alma onde somos livres. Um local que ninguém foi capaz de inibir. E graças a esta âncora de coragem, de liberdade, nas almas daqueles que têm esperança, eles sabem o que a realidade de liberdade parece. Eles sabem o quão crucial é lutar por ela.

(David Grossman, Discurso na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, 2020, durante a pandemia de Covid-19).

Oração: agarrar-se à esperança sem largar pelo Rabino Oded Mazor

"Para tudo seu momento e tempo para todo evento sob o céu...

Tempo de pranto e tempo de riso,

Tempo de ânsia e tempo de dança

Tempo de guerra e tempo de paz." (Eclesiastes 3: 1,4,8)

Naqueles dias nos quais um colapsa sobre o próximo
Não temos escolha a não ser chorar e rir com os mesmos olhos

Sofrer e dançar ao mesmo tempo

E o longo arco da história é comprimido em um dia e uma hora.

Pedimos a força para conter

A intensidade de nossos corações arrebatados,

Para alegrar-nos com aqueles que temos sorte de abraçar hoje,

E proteger todos aqueles que se retraem em suas saudades, suas almas trementes,

E agarrarmos à esperança sem largar,

E deixarmos um espaço quieto para um grito silencioso.

Por favor, dê-nos espaço para nos despedaçarmos,

E para que o espírito seja reconstruído, outra vez.

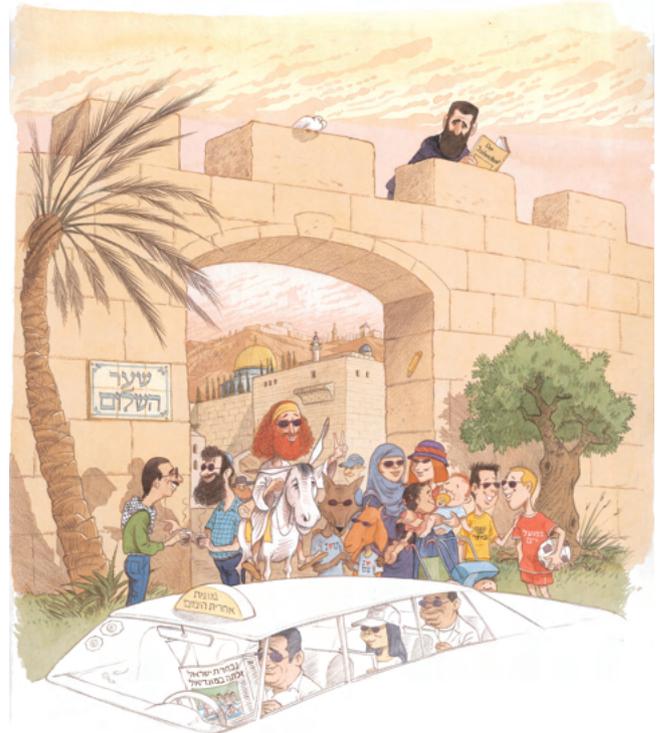
(Oded Mazor, Rabino da Kol Haneshamá, uma sinagoga reformista em Jerusalém. Trecho recitado no ato para a soltura dos reféns, Jerusalém, 2023)

Leshaná Habaá Birushalaim

לְשָׁנָה הַבָּאָה בִּירוּשָׁלַיִם

A Chutzpá da fé por Irving Greenberg, The Jewish Way

De onde Israel recebe a força, a chutzpá para continuar acreditando na redenção em um mundo que conhece a fome, o exílio político e as pessoas que fogem de seus países em barcos clandestinos? Como os judeus podem testemunhar a esperança e o valor humano quando foram continuamente perseguidos, odiados, expulsos e destruídos? (Porque eles extraem sua força e esperança das) memórias do Êxodo!"



A Jerusalém de amanhã: revisada e revisitada por Michel Kichka

Dois líderes políticos messiânicos estão representados: em cima do muro está Theodore Herzl, fundador do movimento sionista em 1896, e ao lado a pomba da paz de Noé. Com as sobrelhas arqueadas e preocupado, ele compara a realidade israelense abaixo com a sua visão do Novo Sião de sua utopia, The Jewish State. Sentado em cima de um burrico branco, está o messiânico descendente do Rei David. O belo David bíblico tinha um rosto corado e agora sua semente produziu um hippie ruivo com óculos de sol. Um sonho mais mundano é expresso pelo taxista israelense que lê em seu jornal: "Israel ganhou a Copa do Mundo de Futebol!". Você consegue achar todos os inimigos tradicionais agora se cumprimentando? (Por exemplo, os jogadores vestidos de vermelho e amarelo jogam em times de partidos políticos da direita e da esquerda – Labor and Likud).

Ficha Técnica

Os textos deste Suplemento 2024 da Hagadá Halaila Hazé foram escolhidos e criados por Mishael e Noam Zion com novas ilustrações de Michel Kichka.

Tradução e revisão: Andrea Kogan

Diagramação e concepção visual: Cyro Cormack Neto e Victor Criscuolo

Edição e Supervisão Geral: Rabino Adrián Gottfried

São Paulo, abril de 2024 - Nisan de 5784

Uma publicação da Comunidade Shalom - Sinagoga Masorti de São Paulo

Todos os Direitos Reservados

Suplemento da Hagadá: Halaila Hazé (2024)

